Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

Midiatização: gênese e apropriações do conceito[1]
Mediatization: genesis and appropriations of the concept

Márcia Zanin Feliciani
Viviane Borelli

Palavras-chave: Midiatização; Mapeamento; Complexidade.

O resumo reúne trabalhos que mapeiam o conceito de midiatização. O artigo resulta de produção acadêmica realizada na disciplina de Teorias e Epistemologia da Comunicação (POSCOM/UFSM) e reflete sobre o conceito de midiatização a partir de levantamentos de autores que buscam sistematizar o conceito. Dialogando com Gomes (2016), Fausto Neto (2018), Martino (2018), França (2020) e Fernández (2023), elencamos contextos antecedentes, gênese, correntes, usos e termos relacionados. Dessa forma, intentamos promover "bricolagens, curtos-circuitos e construções" (França; Simões, 2016, p. 34) entre as referências citadas.

No que tange aos **antecedentes** da midiatização, Fausto Neto (2018) os identifica nos cenários epistemologicamente dominantes nos estudos em Comunicação na América Latina nos anos 1980: o difusionismo e o funcionalismo norte-americanos, o modelo das mediações proposto por Jesús Martín-Barbero e a perspectiva da midiatização desenvolvida por Eliseo Verón.

O difusionismo consistia em uma ideia de progresso pela absorção dos conhecimentos e tecnologias do Norte. O modelo barberiano surge como crítica a essa visada, no sentido de que a difusão era centrada apenas em quem difundia. Assim, passa-se a olhar para as produções midiáticas do ponto de vista de quem as recebe,

[1] Trabalho apresentado ao VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

reconhecendo-se as múltiplas relações que se constituem entre sujeito, mídia e cultura – o que Martín-Barbero chamou de mediações.

O conceito de midiatização, por sua vez, foi cunhado por Eliseo Verón na década de 1980. Contudo, "talvez por desinformação ou limitações linguísticas, temporalidades e contextos latino-americanos nos quais se estuda, ao longo de quatro décadas, a midiatização são praticamente ignorados" (Fausto Neto, 2018, p. 83). Isso possivelmente se deve à posição diferenciada de Verón no que tange às correntes de estudo da midiatização, como trazido adiante.

Por sua vez, na atenção às "múltiplas vozes" que compõem o conceito de midiatização, Gomes (2016) recupera trabalhos que se aproximam das reflexões sobre midiatização – a saber, textos de Pierre Teilhard de Chardin e Marshall McLuhan. De acordo com Gomes (2016), ambos "previram" muitos aspectos da realidade (midiatizada) em que vivemos hoje.

Gomes (2016) compreende que, para Chardin, as redes de comunicação promoveriam uma conexão entre os sistemas nervosos humanos, formando uma espécie de "supercérebro" que cobriria todo o planeta e transcenderia a existência terrena – sugerindo um viés biológico e religioso. A esse fenômeno, deu o nome de planetarização – ideia bastante próxima da aldeia global proposta por McLuhan.

De acordo com Gomes (2016), este se aproxima das reflexões da midiatização ao reconhecer distintas idades pelas quais a humanidade teria passado. Estas, por sua vez, seriam compostas por tecnologias ou fases específicas, as quais servem de "plataforma" umas para as outras e convivem após o seu surgimento. "Isso se pode ver na relação da oralidade com a escrita, com a imprensa e com os meios eletrônicos" (Gomes, 2016, p. 11).

Numa linha próxima, França (2020) comenta que Santaella reconhece "seis tipos de formações [culturais]: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital" (França, 2020, p. 25). Para França (2020),

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

esta última estaria próxima da ideia de midiatização, mas o termo não é utilizado na referência.

Adentrando a **gênese** da midiatização, o primeiro autor destacado por França (2020) a utilizar nominalmente o conceito é Muniz Sodré. Ele parte dos *bios* de Aristóteles para conceber a midiatização como uma quarta esfera da existência na contemporaneidade, considerando-a um tipo específico de mediação – a mediação feita pelos *media*, à qual dá o nome de tecnomediação.

França (2020) também cita os trabalhos de José Luiz Braga e Pedro Gilberto Gomes enquanto teóricos que efetivamente tratam de midiatização. Aqui, cabe o diálogo com Martino (2018), que destaca, na emergência dos estudos em midiatização no Brasil, o protagonismo do PPGCOM/Unisinos, que realizou pesquisas na área desde os anos 2000 – com linha de pesquisa, revista e evento específicos sobre midiatização (Fausto Neto, 2018). Neles, Martino (2018) verifica duas principais ênfases: uma mais epistemológica, que trata dos fundamentos e operacionalizações; e uma mais empírica, que alia o conceito a objetos e processos comunicacionais práticos.

O autor lança ainda um olhar para o cenário internacional de apropriação da midiatização. Segundo ele, as grandes obras de Teorias da Comunicação do começo do século sequer abordaram o tema, tanto que ele só foi aparecer de fato nos dicionários de comunicação de Nicholas Abercrombie e Brian Longhurst e Daniel Chandler e Rod Munday – e, ainda assim, com diferenças. De obras específicas, Martino destaca a coletânea de Knut Lundby e os trabalhos monográficos de Andreas Hepp e Stig Hjarvard – autores frequentemente citados nos levantamentos sobre midiatização. Outros nomes mencionados são Simon Cottle e Nick Couldry.

Com eles, Martino (2018) adentra num importante núcleo dos estudos em midiatização: os autores do norte europeu. Ele narra que, apesar de já presente em trabalhos esporádicos prévios, o conceito verifica-se na edição especial da revista Communications dedicada ao tema, organizada por Hepp, Hjarvard e Lundby em 2010.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

É a esse núcleo que França (2020) recorre para discorrer sobre as **correntes** de estudo da midiatização – mais especificamente, Göran Bolin, Stig Hjarvard e Andreas Hepp. Reconhece, assim, três vertentes: institucionalista, socioconstrutivista e tecnológica. Baseados em Hjarvard, tanto França (2020) quanto Martino (2018) comentam que a corrente institucionalista atenta para uma "dualidade": as lógicas da mídia enquanto instituição e o "espalhamento" dessas lógicas pelas demais instituições. Assim, a vertente estaria num nível *meso* da teoria.

Para Fernández (2023), no olhar institucionalista, reconhece-se que as lógicas da mídia afetam (forçosamente) os demais campos sociais, atuando de forma centrípeta – ou seja, tendo o midiático como centro. Os estudos do tipo, exemplificados pelos autores do norte europeu, consideram que a midiatização se inicia no século XX, junto dos meios de comunicação de massa (gerando uma associação com a indústria cultural).

Já a corrente socioconstrutivista, segundo França (2020), tem base no interacionismo simbólico e na sociologia do conhecimento. Atenta, portanto, para as interações cotidianas entre os sujeitos e para a midiatização enquanto metaprocesso (equivalente à globalização, por exemplo). Parece, assim, situar-se simultaneamente nos níveis micro e macro da teoria.

Para Fernández (2023), a vertente olha para o lugar da mídia na construção da realidade – lugar este voltado à materialização das semioses, isto é, das formas de discursividade. Estas seriam lidas como fenômenos midiáticos, os quais existem independentemente da fonte, do destino e do tempo e deixam "marcas" a serem recuperadas.

Aqui, a mídia seria um entre vários componentes do social, numa lógica centrífuga, isto é, descentralizada. Com relação à temporalidade, os socioconstrutivistas compreendem que a midiatização ocorre desde o início da humanidade, assumindo as mais diversas formas: desde as pinturas rupestres até a internet, passando, ainda, por outras formas de "conexão" – como as ferrovias. Assim, os meios massivos são mera

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

contingência histórica – isto é, apareceram e seguirão aparecendo, mas não criaram a midiatização nem são os únicos a intervir no social.

Por fim, a corrente tecnológica tem base estruturalista e atenta para as tecnologias e códigos. Cabe comentar que a corrente é reconhecida apenas por França (2020), que não disserta muito a seu respeito tampouco elenca representantes – sendo Jean Baudrillard o único citado.

Com relação aos distintos **usos** do conceito de midiatização no Brasil, França (2020) constrói uma sistematização autoral. O primeiro uso é como macroconceito descritivo – isto é, fundamentação. Porém, o que França (2020) identifica são apropriações desacompanhadas de reflexão crítica – em que a midiatização apenas é dada como existente, sem se problematizar suas afetações.

Uma segunda perspectiva de estudos que abordam o conceito de midiatização para França (2020) é a crítico-determinista. Enquadrar-se-iam aqui abordagens como as de Muniz Sodré e Pedro Gilberto Gomes, que pensam a constituição de uma nova realidade pela midiatização – ou a mediação que esta faz em como vemos a realidade. Por fim, a terceira abordagem identificada por França (2020) é a analítica-processual, que mescla o olhar macro sobre a midiatização da sociedade e a atenção às suas microafetações – emergindo, aí, estudos de "midiatização de/do/da…". Ou seja, há, aqui, um incentivo à exploração empírica.

Já Martino (2018) reconhece a presença de dois movimentos distintos. Primeiramente, o que chama de "passagem da palavra ao conceito" (Martino, 2018, p. 223), em que a noção de midiatização é contraposta a conceitos mais consolidados na área. Em segundo, o autor percebe um uso restrito e, assim como identificado por França (2020), sem grandes problematizações. Nele, a midiatização é simplesmente tomada como sinônimo de "presença da/na mídia".

Em resumo, Martino (2018) percebe o conceito como razoavelmente recente e caracterizado por "flutuações" – o que, para o autor, se deve à apropriação "flutuante"

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

pela própria Comunicação. Isso porque, segundo ele, a ideia já seria utilizada em outras áreas, ainda que de forma distinta. Na Política, o termo é usado para fazer referência à invasão de Napoleão aos principados germânicos, em que as terras sofrem uma nova divisão administrativa. Já no Direito, o conceito é associado à "intermediação na relação de conflitos" (Martino, 2018, p. 224).

Na Comunicação, Martino (2018) comenta que Jean Baudrillard fala em midiatização para se referir à centralidade que as imagens midiáticas assumiram na sociedade. Ele também percebe a presença da midiatização em Jürgen Habermas, cuja problematização do conceito se dá a partir de um ponto de vista sociológico – tensionando os conceitos de mundo da vida e sistema. John Thompson é outro autor mencionado por Martino (2018) – numa análise (também sociológica) sobre as relações entre os meios de comunicação e a sociedade.

Outro teórico trazido por Martino (2018) em seu levantamento – mais recente e efetivamente falando de midiatização – é Jesper Strömback, que se volta especificamente à política. A última menção de Martino (2018) é Niels Finneman, que fala das diferentes matrizes de mídia e atribui a midiatização a elas. Porém, ambos os modelos são criticados pelo autor em função de seu midiacentrismo e linearidade.

Encerrando esta reflexão, situamos a midiatização em relação a **outros conceitos**, sendo o primeiro deles o de indústria cultural. Segundo França (2020), há de se reconhecer que certos aspectos dela permanecem vigentes – a exemplo da orientação mercadológica e massiva dos veículos, canais e produtos comerciais. Mas, de acordo com a autora, a ideia distingue-se da midiatização em função de que, no caso desta: os fluxos não são somente unilaterais; a natureza não é só comercial (havendo resistências); há criticidade quanto à manipulação por parte dos receptores; e, sobretudo, estes não são passivos.

Outro conceito que França (2020) relaciona à midiatização é o de midiasfera, criado por Régis Debray no contexto da mediologia – disciplina que estuda(ria) o papel

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

do suporte no condicionamento e na circulação das mensagens. Segundo França (2020), de acordo com o autor, cada midiasfera seria caracterizada por configurações específicas de espaço-tempo.

França (2020) também faz uma aproximação entre a midiatização e a "teoria dos meios" – agrupamento de autores como Lévy, Jenkins e o já mencionado McLuhan, que analisam os efeitos da tecnologia sobre o social. Sua diferença em relação à midiatização estaria na abordagem midiacêntrica. Esta é fortemente problematizada por Braga (2012), que dá igual relevância para mídia, sociedade e cultura.

Por fim, uma última associação é relativa ao conceito de mediação. Martino (2018) remonta às derivações de sentido ocorridas a partir dos originais em inglês, ressaltando que tanto "mediatization" como "mediation" sugerem uma ação da mídia na vida dos sujeitos – por meio dos fragmentos "media" e "a(c)tion". Ocorre, assim, que a "proximidade semântica se reflete em uma indefinição conceitual" (Martino, 2018, p. 225), levando à "atribuição de um mesmo sentido ora a um, ora a outro" (ibidem).

Na América Latina e no Brasil, França (2020) comenta que a confusão ocorre com o conceito proposto por Martín-Barbero. Numa primeira fase de sua obra, o autor vai dos meios às mediações – isto é, do difusionismo (Fausto Neto, 2018) para uma maior valorização dos receptores. Nesse momento, o teórico se volta ao que chama de mediações culturais da comunicação – aspectos culturais que afetam o consumo midiático, a saber: matrizes culturais, formatos industriais, lógicas de produção e competências da recepção (Martín-Barbero, 2018).

Posteriormente, o autor se volta às mediações comunicativas da cultura e acrescenta ao seu "mapa" as mediações da institucionalidade, socialidade, tecnicidade e ritualidade (Martín-Barbero, 2018). Aqui, se reflete não só sobre como a cultura media o consumo de mídia, mas também como esta afeta nossa inserção e relações culturais. De acordo com Braga (2012) e Fausto Neto (2018), é nessa leitura que o conceito mais se aproxima da midiatização.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

À guisa de conclusão, reconhecemos que midiatização é um conceito com muitas apropriações, diferenciações internas e em relação a outras construções teóricas. Nesse sentido, se faz primordial o cuidado dos pesquisadores ao se apropriar dele, sobretudo frente a "armadilhas" elencadas pelas referências aqui acionadas, que citam paradigmas teóricos que corroboraram na construção de uma epistemologia da comunicação – como o determinismo tecnológico, a teoria dos efeitos e a proximidade com o conceito de mediação.

Referências

BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. **Animus**, Santa Maria, v. 5, n. 2, p. 9-35, jul./dez. 2006.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. *In*: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação & Midiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: COMPÓS, 2012, p. 31- 52.

FAUSTO NETO, Antonio. Mediação, midiatização: conceitos entre trajetórias, biografias e geografias. *In*: FERREIRA, Jairo et al. (Orgs.). **Entre o que se diz e o que se pensa**: onde está a midiatização? Santa Maria: FACOS - UFSM, 2018, p. 63-99.

FERNÁNDEZ, Mariano. Contra la mediatización de. Sobre política, tecnologías y la ecología de lo público. *In*: BUSSO, Mariana Patricia; FERNÁNDEZ, Mariano (Orgs.). **La democracia perforada**: mediatización, redes, plataformas. Rosario: UNR Editora, 2023, p. 69-93.

FRANÇA, Vera V. Alcance e variações do conceito de midiatização. *In*: FERREIRA, Jairo et al. (Orgs.). **Redes, sociedade e pólis**: recortes epistemológicos na midiatização. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020, p. 23-44.

FRANÇA, Vera V.; SIMÕES, Paula Guimarães. O objeto da comunicação e a comunicação nas ciências. *In*: FRANÇA, Vera V.; SIMÕES, Paula Guimarães. **Curso básico de Teorias da Comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 19-43.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

GOMES, Pedro Gilberto. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, mai./ago. 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Introducciones a: De los medios a las mediaciones. *In*: RINCÓN, Omar (Org.). **Pensar desde el Sur**: Reflexiones acerca de los 30 años de De los medios a las mediaciones de Jesús Martín-Barbero. Bogotá: Fescomunicación, 2018, p. 16-54.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Midiatização, norte e sul: pontuações e delineamentos do conceito na pesquisa brasileira e anglo-saxônica. *In*: FERREIRA, Jairo et al. (Orgs.). **Entre o que se diz e o que se pensa**: onde está a midiatização? Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018, p. 219-240.